

TERRA E MEMÓRIA: *escavando contos e imagens nas Gerais*

Denise Sampaio Gusmão¹

Diria que fotografo também para reter uma memória. Assusta-me a velocidade com que desaparecem as ruas, as casas, as pessoas, as cidades. Fotografo para guardar aquilo que, mesmo desaparecendo, permaneça existindo...

(Walter Carvalho, 2014).

Resumo: Este artigo apresenta um recorte de uma pesquisa-intervenção mais ampla realizada no Córrego dos Januários, pequeno povoado situado na região leste de Minas Gerais, uma comunidade onde vivem os descendentes de Joaquim Januário de Souza, que fundou o povoado em 1867. A chegada da luz elétrica e da televisão, em 1984, provocou mudanças que afetaram a convivência e a troca de experiências entre os habitantes desse vale no interior das Gerais. Com isso, a memória coletiva foi deixando de ser compartilhada. Em diálogo com o pensamento de Maurice Halbachs, Walter Benjamin, Boris Kossov e Mikhail Bakhtin, este trabalho retrata uma arqueologia que junto com os “Januários”, utiliza a fotografia como estratégia metodológica aliada da memória para que não se rompa o elo que os constitui como sujeitos *da e na* história.

Palavras-chave: Arqueologia; Memória; Fotografia; Escuta; Pesquisa-intervenção.

Introdução: Arqueologia da memória nas roças de Minas

Cheguei pela primeira vez no Córrego dos Januários em abril de 2001. Levava comigo uma câmera fotográfica e o desejo de acompanhar Maria de Lourdes Souza, a Toquinha, na desafiadora e enigmática missão de registrar casas, histórias e costumes

¹ Psicóloga. Mestre e Doutora em Psicologia pela PUC-Rio. É professora do Curso de Especialização em Educação Infantil: perspectivas de trabalho em creches e pré-escolas da PUC-Rio; professora do Curso de Especialização em Psicopedagogia e professora do Curso de Especialização em Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva ambos do Instituto Superior de Educação Pró-Saber no Rio de Janeiro. E-mail: denisegusmao@globo.com

ameaçados de desaparecer no lugar onde ela nasceu e viveu grande parte de sua vida, e que se constitui fonte de sua inspiração como escritora.

Não podia então imaginar que aquela seria a primeira de uma série de viagens às roças de Minas e que as imagens grafadas por meus olhos dariam início a um processo de recuperação da história do Córrego dos Januários, uma comunidade onde vivem os descendentes de Joaquim Januário de Souza, que fundou o povoado em 1867. A chegada da luz elétrica e da televisão, em 1984, provocou mudanças que afetaram a convivência e a troca de experiências entre os habitantes desse vale no interior das Gerais. Com isso, a memória coletiva foi deixando de ser compartilhada.

Como supor que, naquele lugarejo, circularia a dor e a queixa pela falta de convivência? Mas uma cidadezinha é uma cidadezinha, e é preciso compará-la a si mesma, e não a um grupo de outra natureza, nos diz o sociólogo francês Maurice Halbwachs (2004).

Toquinha constata mudanças que certamente não seriam percebidas por um forasteiro que rapidamente se encantaria com o acolhimento e a estética simples e poética do Córrego. A escritora, que comemorou a chegada da luz, adverte: “A memória do meu lugar está se perdendo.” E é com essa advertência que Toquinha assume um lugar de sujeito que não quer se alienar, mas, ao contrário, quer agir no mundo. E para isso pede ajuda. A dor que Toquinha anuncia é a dor do esquecimento do seu povo. Seu apelo é um apelo de memória.

Nossa investigação em torno da memória e desmemória do Córrego dos Januários dialoga com o campo das ciências sociais, pois, segundo Le Goff:

A amnésia é não só uma perturbação no indivíduo, que envolve perturbações mais ou menos graves da presença da personalidade, mas também a falta ou a perda, voluntária ou involuntária, da memória coletiva nos povos e nas nações, que pode determinar perturbações graves da identidade coletiva. (2003, p.421).

Maria de Lourdes adverte para a amnésia coletiva que ameaça seu povoado. Ela e os moradores querem resistir à “roda-viva” de um progresso que caminha sem olhar para trás. Contra uma concepção previsível e fatalista da História, os Januários

querem ter “voz ativa” e traçar outro destino. Nossa tarefa é ajudá-los, e para isso tomamos um curso de memória mais denso, profundo, em que indivíduos atuam no mundo, conscientes do lugar histórico que ocupam (SANTOS, 2003).

A estratégia teórico-metodológica que norteou a pesquisa se fundamentou num processo de “arqueologia da memória” (SELIGMANN-SILVA, 2003), no qual – por meio de escavações – abrimo-nos para a escuta do apelo de memória enunciado por Toquinho. Com Benjamin (1995), fomos ao encontro do passado, sabendo que aquilo que emerge das escavações só é possível de ser alcançado quando nosso olhar se fixa sobre o presente e entra em diálogo com os acontecimentos cotidianos.

Escavando e Recordando

Quem pretende se aproximar do próprio passado soterrado deve agir como um homem que escava. Antes de tudo, não deve temer voltar sempre ao mesmo fato, espalhá-lo como se espalha a terra, revolvê-lo como se revolve o solo. Pois “fatos” nada são além de camadas que apenas à exploração mais cuidadosa entregam aquilo que recompensa a escavação. Ou seja, as imagens que, desprendidas de todas as conexões mais primitivas, ficam como preciosidades nos sóbrios aposentos de nosso entendimento tardio, igual a torsos na galeria do colecionador. (BENJAMIN, 1995, p.239-240).

Para além de dados e informações, as escavações nos remetem ao encontro com a linguagem, possibilitando a construção de uma perspectiva crítica e a ressignificação de um passado que, ao dialogar com o presente, o ilumina e o faz transformar, “entregando aquilo que recompensa as escavações” (BENJAMIN, 1995, p.240). A imagem de uma “arqueologia da memória” nos inspirou em nossa construção metodológica, na qual compreendemos, com Seligmann-Silva, que:

O arqueólogo benjaminiano não sai mais leve do seu trabalho de escavação nas ruínas do tempo. Mas é a partir dos seus achados – dos torsos aí descobertos – que ele constrói a sua morada do presente e entrevê a do futuro (2003, p.408).

2 Luz e calor: uma união possível?

Logo no início das escavações, compreendi, ouvindo os moradores, que o que ameaçava a história de ela poder ser contada era, principalmente, o isolamento, a diminuição da convivência. As narrativas dos habitantes do povoado revelaram a cisão entre progresso e felicidade, relacionada com o surgimento da luz elétrica e da

televisão A dicotomia luz (elétrica) e calor (humano) se revelou muito forte na arqueologia da memória deste povoado mineiro.

Os mais velhos sentiam muita falta do calor da convivência, das visitas de casa em casa, da sanfona em volta da fogueira. No entanto, tal estado de lembrança, muitas vezes, os impedia de “fazer as pazes” com o presente e agir, transformando a nostalgia em outras artes da existência que coloquem no aqui e agora essa necessidade vital de conviver.

Seguindo um percurso não linear, recusamos a ideia de uma história acabada, de um destino predefinido. Nosso trabalho, no Córrego, se situa na crítica de uma cultura que vê o progresso como aquilo que bota abaixo o passado. É, no bojo desta concepção, que a dicotomia luz e calor se forja. Tudo isso nos coloca de frente com uma dissociação entre aspectos essenciais da vida que precisam urgentemente dialogar. A luz elétrica e a convivência, o progresso e o cuidado com o meio ambiente, a cidade e a roça, a experiência e o saber dos mais velhos, com a novidade do olhar da criança, são todas elas faces que, ao se excluírem, empobrecem nossa existência, nos desumanizando.

Mas, se acreditamos com Benjamin na imprevisibilidade da história e que novos começos podem ser engendrados pela ação do homem no mundo, nos perguntamos: é possível unir a luz e o calor?

Não só possível como necessário e urgente. O cotidiano mediado pelas imagens televisivas diminuiu sensivelmente o espaço para o diálogo entre as pessoas. No entanto, a fotografia se apresenta aqui como uma mediação técnica interessada no elo entre os tempos e os seres.

Concebendo a fotografia como aliada da memória, levava minha câmera em todo o processo de escavação, pois como nos diz Boris Kossoy:

Fotografia é memória e com ela se confunde. Fonte inesgotável de informação e emoção. Memória visual do mundo físico e natural, da vida individual e social. Registro que cristaliza, enquanto dura, a imagem-escolhida e refletida-de uma ínfima porção de espaço do mundo exterior. É também a paralisação súbita do incontestável avanço dos ponteiros do relógio: é pois o documento que retém a imagem fugidia de um instante de vida que flui ininterruptamente (2001, p. 156).

Contudo, não fui a única a fotografar. Nosso objetivo foi também o de possibilitar a escuta das imagens produzidas pelos próprios moradores, buscando que revelassem seu olhar diante do próprio cotidiano, expressando a crítica, a estética e a poética de seus olhos (GUSMÃO; JOBIM E SOUZA, 2008).

Ao longo do processo arqueológico, surgiram “os contos”- narrativas de palavras produzidas pelos moradores e as “imagens”- narrativas do olhar de vários “fotógrafos anônimos” (KOSSOY, 2007, p.66), que nos levaram à montagem de um mosaico de memórias. A oficina de fotografia e memória intitulada “Contos e Imagens do Córrego dos Januários” se colocou como um convite a um deslocamento de um olhar fixado na tv para um olhar dirigido a terra, à memória, às gentes e suas histórias...

Do encontro alteritário entre a pesquisadora e os moradores do Córrego dos Januários, ora fotografados, ora fotógrafos, surgiu espaço para o ressignificar muitos contos e imagens, como veremos a seguir.

3 Oficina de contos e imagens: as relíquias do Córrego dos Januários

A oficina “Contos e Imagens do Córrego dos Januários” se realizou em junho de 2003 e, no início de agosto, retornei com as fotos reveladas². O grupo teve como participantes Zito (70 anos), Nenê (60 anos), Wander (38 anos) e Leandro (24 anos), todos, com exceção de Wander, *fotógrafos de primeira viagem*. A filha e a neta de Nenê, Janete (24 anos) e Kíssila (7 anos), quiseram nos acompanhar e ajudaram nas anotações das imagens registradas. Leandro e Wander dividiram uma câmera e Nenê e Zito, a outra.

Antes de começarmos a andar pelo povoado, todos experimentaram o contato com a câmera e lhes falei de noções bem básicas da técnica fotográfica. Meu objetivo era ultrapassar a barreira do medo do desconhecido, que senti neles, assim como

² As imagens foram feitas por câmeras analógicas.

aproveitar o entusiasmo que a nova experiência provocava para desenvolvermos juntos imagens que revelassem a perspectiva deles sobre o Januário, lembrando que algumas daquelas fotos também iriam compor o acervo coletivo. Durante a oficina, trocamos saberes e experiências e construímos um aprendizado lúdico, técnico e sensível.

O clima de trabalho envolvia alegria e também concentração e empenho, como disse Wander:

Eu já tinha usado a máquina, mas não oficial, igual dessa vez. Da outra vez foi só por curiosidade mesmo. Já tinha usado uma ou duas vezes, mas sem objetivo maior. Porque isso aí foi diferente, né? Sabia que era pro trabalho, aí a gente caprichou.

A direção que tomamos para começar a caminhada foi definida pelo grupo, que já começava a pensar em que imagens queriam registrar. Zito propôs irmos até a plantação de eucalipto, cerca de 30 minutos dali. Todos concordaram e, durante esse percurso a pé, fomos nos deparando com cenas do cotidiano do Córrego, que iam chamando a atenção de um ou outro fotógrafo, e que, rapidamente, eles tratavam de colocar em foco. Foram duas horas, ao todo, de caminhadas e “cliques”, e fiquei impressionada com a facilidade com que todos se apropriaram da câmera, encontrando no suporte técnico uma forma de grafar aquilo que os encanta e que reconhecem um grande valor.

Através do olhar de Nenê, Zito, Leandro e Wander, conheci outros ângulos daquela terra, que minhas lentes não tinham captado. Por isso também, muitas vezes, fotografei-os fotografando, não só para registrá-los em pleno ato fotográfico, mas também por entender que era esse ato que me ajudava a olhar, que me convidava a vislumbrar novas paisagens, descortinando novos Januários ainda não percebidos por mim.

Vamos mostrando essas imagens à medida que dialogo com eles no segundo momento do nosso trabalho, quando retorno ao Córrego com as fotos já reveladas.

Denise: Como é que foi? Como é que vocês iam escolhendo o que vocês fotografaram? Vocês lembram?

Zito: Eu encontrei com a Terezinha, ela vinha trazendo o almoço e eu mandei ela parar. Eu falei: pára aí. Ela parou naquela porteira da figueira ali. Lá ia ela levando o almoço pro esposo lá na lavourinha do Sebastião.

Denise: Por que que você quis registrar esta cena?

Zito: Porque ela ia levando o almoço pro esposo lá na lavourinha do Sebastião. E ela é minha cunhada, né?



Figura 1 - Zito fotografando Terezinha



Figura 2 - Foto de Zito: Terezinha levando marmitas para o marido Bastião

Zito: É, lá ia Terezinha com duas marmitas. Uma numa mão, outra noutra. Eu gostei muito dessa foto. Ficou perfeitinha, viu. Muito parecida, né?

Aos poucos, enquanto víamos juntos as fotos, íamos refazendo nossa trajetória daquele dia. As fotos de que eles mais gostaram eram selecionadas, e para cada uma delas escolhiam um título para o acervo. Falarei de algumas, procurando também mapear com eles os temas que estiveram mais em foco.



Figura 3 - Denise mostrando fotos da oficina de fotografias do grupo dos adultos (foto de Toquinha)



Figura 4 - Foto de Wander: Daniel, lavrador, trazendo arroz limpo

Wander: Essa foto aqui é do Daniel trazendo arroz. Daniel é lavrador que nem eu. Ele tá vindo da máquina de limpar arroz.

Wander analisa a foto e diz por que escolheu essa cena para registrar:

Wander: É muito bonita a paisagem aqui assim, que pegou aqui de um lado e de outro a lavoura, e a parte de cá mais de verde aqui, perto dos eucaliptos. O eucalipto tá bem do lado aqui.

Denise: O que que te motivou a fazer essa foto?

Wander: Ah, por causa da camisa do Cruzeiro. Eu falei: vou tirar uma foto ali da camisa do Cruzeiro, porque eu sou cruzeirense, né? E ao mesmo tempo é um trabalhador aqui do Januário, né?

Wander mostra outra de suas fotos a todos.



Figura 5 - Foto de Wander: Grupo no alpendre da casa do Dezinho Félix

Zito: Esse alpendre aqui ficou bonito.

Wander: Esta casa é antiga. É a única que tem esse alpendre aí. Antes tinha no Augusto, no Izalpino. É bonita, né?

Leandro: Grupo no alpendre da casa do Dezinho Félix, tá bom essa?

Depois, foi a vez de Leandro nos mostrar o que suas lentes buscaram revelar:



Figura 6 - Foto de Leandro: João-de-barro e suas obras de arte

Wander, Zito e Nenê examinam atentamente a foto de Leandro e começam a conversar sobre a imagem:

Zito: Qual é a árvore Wandinho?

Wander: Aquela lá no pasto do Rodrigues.

Zito: Ah! Isso é uma sumaúma. Tem 1, 2, 3, 4. Ih, 5 casas de João-de-barro, 6.

Nenê: Cinco casas de João-de-barro só numa árvore, olha, Janete.

Wander: Tô pensando num detalhe que eu vi nessa foto.

Denise: O que que é?

Wander: Esse detalhe aqui. Sabia que eles (os passarinhos) fazem essas casas umas viradas pra cá, outras pra lá. Que quando ela tá virada pra cá, geralmente, o vento vem é de lá pra cá, pra não entrar dentro da casa.

Zito: Na época que o vento vai dar, conforme o lado, eles fazem a casa com a porta ao contrário.

Nenê: A casa ao contrário do vento.

Wander: Assim dizem. Mas pode olhar. Essa aqui tá com a boca pra cá, a entrada. Essa daqui pra baixo. Essa aqui também pra lá.

Denise: Dependendo do lado do vento, da chuva, eles colocam do outro lado pra proteger?

Wander: Pra proteger, senão molha lá dentro. Essa você pode olhar que ela tá jogando pra lá, essa daqui parece que já tá jogando é pra cá, essa pra cima, essa pra baixo. Todas elas têm um ângulo diferente da outra. Cada casa foi feita numa época.

Denise: Ah, porque agora vocês falando, nessa foto dá pra ver bem isso mesmo, né? Essa diferença.

Wander: Construir igual o João-de-barro só ele mesmo. Ninguém faz igual.

Zito: E pode chover o tanto que chover que não quebra aquilo.

Wander: Obras de arte. Suas obras de arte. Podia ser este o título da foto.

Leandro escuta os amigos e concorda. Orgulhoso da bela imagem, anuncia seu título: “João-de-barro e suas obras de arte”.

A fotografia feita por Leandro e o diálogo que a imagem provocou nos colocam face a face com o saber daqueles que, convivendo com a natureza, trazem outras leituras, ampliando cada vez mais nosso olhar para as miudezas e delicadezas da vida.

Leandro é generoso e humilde. Vê no pássaro João-de-barro um artista. Mas, sejamos justos: ambos, o pássaro e o fotógrafo criam e nos encantam com suas criações. João-de-barro e Leandro me fizeram lembrar a linda concepção do ato de criar, elaborada por Medrinho, um ceramista do vale do Jequitinhonha:

Na verdade, o que o oleiro faz é cobrir o vazio, o nada, porque uma peça de barro é isso: uma separação no vazio. Eu, quando estou trabalhando, não penso no vaso, numa vasilha, penso no espaço que estou tapando. Não foi isso o que Deus fez? O que ele fez foi isso, mudar a forma do vazio. Ou não foi mesmo? Aí eu não penso no barro, mas como vai ficar o canto de lugar que eu vou cobrir. (Fonte Oral)

Leandro trabalha com gado leiteiro e com a colheita do café, como vimos na oficina das meninas. Assim como Wander, seus olhos são sensíveis ao homem que trabalha na terra, ao lavrador. A imagem também me toca e percebo que o cultivo, a terra, a roça e o trabalhador do campo são temas que também meus olhos buscam.



Figura 7 - Leandro fotografando lavoura de inhame



Figura 8 - Foto de Leandro: Lavradores de inhame

Leandro: Isso foi os dedos de inhame que eles estavam plantando na terra.

Denise: Dedo de inhame?

Toquinho: Muda de inhame.

Wander: Muda são os dedos, tem a cabeça e o dedo. Aqui também fala um quilo. Mas aqui na roça a gente fala: o dedo de inhame. Porque a gente vende os dedos de um preço e cabeça de outro.

Wander e Leandro trazem imagens ligadas à terra. Wander chegou a produzir uma foto com Leandro, pedindo que este entrasse numa pequena lavoura de feijão que encontramos pelo caminho. Em cima do morro os lavradores colhiam café e observavam a cena inusitada, achando graça dos amigos fotografando o feijão.

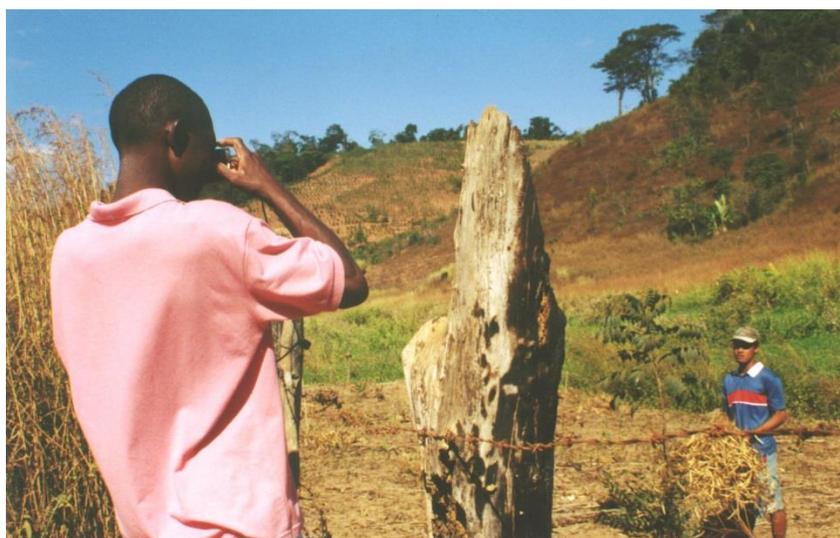


Figura 9 - Wander fotografando Leandro com o feijão

Wander: Essa foto aqui foi porque quase ninguém colheu feijão. Eu ainda brinquei com o Leo: vamos aproveitar que aqui tem feijão. Choveu pouco nessa região, e ali deu feijão, não sei como. Não sei se ele irrigou, ou o que que fizeram. Esse é o feijão seco, né, já arrancado.

Denise: Porque eu reparei que nas suas fotos, nas fotos do Leandro também, que vocês tiram muita foto do pessoal trabalhando. Repara só. Dá uma olhada aqui, vê se você concorda comigo. Aqui ligado à lavoura, a terra, né?

Wander: Isso.

Denise: Essa aqui também ligada ao alambique, tem a ver com a cana, o feijão, etc. Então você que é um lavrador, suas fotos são muito ligadas à terra, e isso é bonito demais. Quando a gente pega a máquina, a gente pode escolher um monte de coisas, mas acaba que tem alguma coisa em você que te guia, né, o teu olhar. E vocês dois focaram principalmente a terra, o trabalhador, a natureza...

Wander: É mesmo. Só essa do alpendre que o tema foi diferente: uma casa bem de antigamente.

E Nenê, a única mulher do grupo? Que paisagens e cenários tocaram seus olhos? Que imagens deseja que façam parte da história do Córrego dos Januários?



Figura 10 - Nenê fotografando a tulha

Nenê: Ah, é porque a gente recorda, a gente quase não vê esses lugar mais assim nessas casas que faz hoje, né, compadre Zito? É lugar de guardar os bagulhos, as coisas que guarda lá, né? Um milho, um balaio.

Wander: Tulha e paiol é a mesma coisa.

Nenê: É, lugar de guardar as coisas. Um milho, um balaio...



Figura 11 - Foto de Nenê: Janete e Kíssila na cachoeira do Deco André

Nenê: Ficou muito bonitinha, né? Eu falei: eu vou tirar da filha e da neta, né? Lá na cachoeira.

Zito: Ficou boa demais.

Nenê: A gente não imagina que vai sair assim. Tá muito parecido, não tá? Ficou boa mesmo. Olha que a gente aprendeu alguma coisa, compadre Zito. Agora, se for pra gente pegar uma máquina e tirar lá, talvez a gente sabe. Aquele medo de, ah, isso não vai dar certo, não tem mais. Legal.

Zito: A máquina também ensina a gente, uai. Por exemplo, na medida que ocê mira, se ocê não viu a pessoa todinha dentro daquele vidrozinho, ocê não arrisca não que não vai dar nada certo. Agora, se ocê viu a pessoa toda ocê pode apertar o gatilho que provavelmente dá certo (risos).

Nenê: Essa foto eu gostei porque é minha filha e minha neta também do lado da cacheira. É, ficou bonito.

Wander: Isso aí é relíquia do Januário. É a única que tem.

Nenê: É uma relíquia do Januário, a cachoeira, né? E por ser minha filha caçula e minha neta. Janete e Kíssila, né, na cacheira do Deco André. É isso?

Denise: Interessante isso. O Zito, por exemplo, ele tirou muitas fotos, a Nenê também, de pessoas conhecidas. Quer dizer que é outro enfoque, né, de pessoas que ele estima muito, que ele quer deixar o registro. A Terezinha, o José Santiago, etc. também acharam importante o registro de casas antigas. Mas vocês quatro destacaram de um jeito ou de outro a natureza, o valor da terra...



Figura 12 - Foto de Zito: Eucalipto do Vantuir

Chegamos então aos eucaliptos que Zito desejava tanto fotografar.

Zito: Ah, isso é aquela moitinha de eucalipto, nos bambus. Olha que foto bonita.

Denise: Por que esta imagem, Zito?

Zito: É bonito, uai. Uma matinha verdinha assim é tão bonito de ver, né? E é o único eucalipto que tem aqui no Januário. Isso é o eucalipto do Vantuir ali, o gerente do banco.

Wander: Esse eucalipto também é relíquia. Quando acabar com esse eucalipto aí já tá registrado. Como a cachoeira, se acabar a cachoeira é só ali que tem.

Zito: O dia que eu encontrar com o Vantuir, vou falar assim: ó, eu tenho uma foto da sua matinha de eucalipto em tal lugar assim, assim...

Denise: O que a gente pode fazer é quando for escrever o texto que acompanha a foto, a gente pode colocar o que o Wander disse, que é um dos últimos, ou o último eucalipto da região. A foto pode também servir para denunciar que estas relíquias estão ameaçadas e que algo precisa ser feito para evitar isso. Então lá, quando montarmos o acervo de fotos, a gente coloca um textinho alertando pra esta questão do meio ambiente, que vocês estão chamando a atenção através da fotografia. O que vocês acham?

Nenê: Muito bom, né? Porque se não, vê a foto e não sabe onde é, nem pra quê, né? Tem que explicar. Hoje em dia, eles já cortaram muito aquela mata. Era tudo fechado lá. Cortou demais. Tem só um pouquinho. Precisa falar...

A fala de Wander chama a atenção para uma visão pessimista quanto à preservação da natureza. É como se de antemão já se esperasse que a cachoeira e a mata vão acabar, e que pelo menos a foto marcará sua existência. Encontramos nesta perspectiva uma naturalização das coisas da vida, como se fosse normal este desfecho e que nada se pode fazer ante um progresso dissociado do cuidado com a vida. Para contrapor essa visão, tão presente na formação cultural deste país, propus entendermos a fotografia também como linguagem que denuncia e convida à reflexão, à transformação. Afinal, é preciso aprender que é possível tomarmos as rédeas, inventarmos outros desfechos que respeitem o homem e a vida e “no nosso destino mandar...”.

Relíquia é algo precioso, de valor. Talvez este seja o tema central desses fotógrafos que buscaram imagens de trabalhadores, do cultivo da terra, da natureza, de pessoas queridas, de casas antigas, vislumbrando como relíquia a própria gente e esse pedaço de chão das Gerais.

Vamos então celebrar o nascimento dos fotógrafos Zito, Nenê, Leandro e Wander, que não só experimentaram o ato de fotografar, mas também, com suas câmeras, inventaram um novo ofício: o de focar relíquias.



Figura 13 - Os novos fotógrafos: Zito, Wander, Leandro e Nenê

Considerações finais

Olhos dados

Lucas (3 anos) estava na pracinha com Gisele, sua mãe. Observava as outras crianças brincando e, apesar de atraído pela cena, queria ficar de mãos dadas com a mãe. Gisele então lhe disse para ficar tranquilo e ir brincar com as crianças, pois ela ia ficar olhando para ele dali onde estava. Lucas pensou e lhe disse: “Tá bom, mamãe, então você vai ficar de olhos-dados comigo” e foi andando feliz brincar com as crianças (GUSMÃO, 2004, p.55).

Este trabalho traz o recorte de um percurso provocado por um apelo de memória. A pesquisadora se implicou na tarefa assumida por Toquinha de se abrir no presente, ao apelo do passado. A pesquisa-intervenção se constituiu na ação diante da escuta deste apelo enunciado por Toquinha.

A rememoração para Benjamin possibilita não só um diálogo com o passado, mas também com o presente, pois “não se trata somente de não esquecer o passado, mas também de agir sobre o presente” (GAGNEBIN, 2006, p. 93).

Desde o início, a mobilização pela construção de um acervo, não só de imagens fotográficas, mas também de contos, acompanhou nossa caminhada. Ao mesmo tempo em que sabíamos de sua importância, compreendíamos que era o processo de

escavar o solo polifônico da memória do Córrego que possibilitaria o nascimento de um acervo que não só contribuísse para a recuperação da história, mas também que possibilitasse o ressignificar do presente como um tempo no qual a história está sendo escrita. As escavações tornaram visível uma vida que pulsa sob aquelas terras. Desde o início, ficou clara a riqueza cultural e humana que existia debaixo do barro daquele chão.

Nas relíquias escavadas pelos arqueólogos Zito, Nenê, Wander e Leandro, encontramos os “olhos dados” que o menino Lucas enunciou. Nossos fotografos aparecem de “olhos dados” com a terra, a memória, a cultura e a natureza... Vislumbramos em cada foco, uma afirmação do outro, de sua existência.

Os contos e imagens apresentados neste artigo fazem parte do acervo da Casa de Memória e Cultura do Córrego dos Januários, inaugurada em agosto de 2008. Este espaço museológico foi se desenhando, ao longo do processo, como um lugar de resistência contra a amnésia coletiva, a massificação, o exílio dos mais velhos, a dor pelo isolamento e a ausência de projetos para as crianças e jovens da comunidade (GUSMÃO, 2009). Um espaço que, ao ficar de “olhos dados” com a memória, celebra o presente como um tempo capaz de substituir o esquecimento e o abandono pelo acolhimento e abrigo.

“É o pensamento subsistente do grupo que evoca a aproximação passada, e que salva do esquecimento a imagem da pessoa” nos diz Halbwachs (2004, p.128). Dois dias depois da inauguração, tivemos uma surpresa. João (32 anos), filho de José Santiago, pediu para Toquinho acompanhá-lo na Casa de Memória e Cultura para que ele visse a foto do pai. José Santiago, fotografado por seu amigo Zito, em 2003, faleceu em novembro de 2007. Ficamos então sabendo que aquela era não só a última imagem de José Santiago, como também a única.

Toquinho: Emocionado, ele olhara a fotografia e me contara que a única foto que tinha do pai era a lembrancinha de falecimento e que distribuía todas as lembrancinhas que fizera entre os familiares e amigos, esquecendo de guardar uma para si.

Depois disso, mandei uma cópia da foto legendada no museu como “Zito fotografando José Santiago” para Toquinha entregar a João. Mas, neste momento, ao escrever e concluir este artigo, penso que esta imagem deve se chamar: “Zito de “olhos dados” com seu amigo José” ...



Figura 14- Zito de olhos dados com seu amigo José

EARTH AND MEMORY: *digging tales and images in the Gerais*

Abstract: This review article narrows down a broader intervention research performed in Córrego dos Januários, a small village located at eastern Minas Gerais, home to a community whose members are descended from Joaquim Januário de Souza, who founded said village in 1867. With the introduction of electricity and television in 1984, there came changes which affected how these people related and shared experiences. Since then, their collective memory has been decreasingly passed on. This work, aligned with the thoughts of Maurice Halbachs, Walter Benjamin, Boris Kossoy and Mikhail Bakhtin, but also in communion with the “*Januarians*”, showcases a type of archeology that relies on photography as both a methodological strategy and an ally for their collective memory in order to strengthen the link that makes them protagonists *in and of* History.

Keywords: Archeology; Memory; Photography; Listening; Intervention Research.

Referências

BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política. Obras Escolhidas I.** São Paulo: Brasiliense, 1994.

_____. **Rua de Mão Única. Obras Escolhidas II.** São Paulo: Brasiliense, 1995.

CARVALHO, Walter. **Contrastes Simultâneos.** São Paulo: Cosac Naify, 2014.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar Escrever Esquecer.** São Paulo: Editora 34, 2006.

GUSMÃO, Denise Sampaio. **Por uma Estética da Delicadeza: ressignificando contos e imagens nas roças de Minas.** Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica do Departamento de Psicologia da PUC-Rio. Rio de Janeiro/RJ: 2004.

GUSMÃO, Denise Sampaio; JOBIM E SOUZA, Solange. A estética da delicadeza nas roças de Minas: sobre a memória e a fotografia como estratégia de pesquisa-intervenção. **Psicologia & Sociedade**, 20, edição especial, 2008. p.24-31.

GUSMÃO, Denise Sampaio. **Narrativa, Testemunho e Delicadeza: a Casa de Memória e Cultura do Córrego dos Januários.** Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica do Departamento de Psicologia da PUC-Rio. Rio de Janeiro/RJ: 2009

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva.** São Paulo: Centauro, 2004.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e História.** São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

_____. **Os Tempos da Fotografia: o efêmero e o perpétuo.** São Paulo: Ateliê Editorial, 2007.

LE GOFF, Jaques. **História e Memória.** Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. **Memória Coletiva e Teoria Social.** São Paulo: Annablume, 2003.

SELIGMANN-SILVA, Marcio (Org.). **História, Memória, Literatura: o testemunho na era das catástrofes**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.